




UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

PRISCILA REGINA LOURENÇO

**PERCEPÇÕES DE UMA PESQUISADORA
APRENDIZ EM BUSCA DA COMPREENSÃO DA
ESCRITA SIGNIFICATIVA NA EJA**



Rio Claro
2011

Priscila Regina Lourenço

Percepções de uma pesquisadora aprendiz em busca da
compreensão da escrita significativa na EJA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosa R. M. de Camargo

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Instituto
de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio
Claro, para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em
Pedagogia

Rio Claro

2011

370 Lourenço, Priscila Regina
L892p Percepções de uma pesquisadora aprendiz em busca da
compreensão da escrita significativa na EJA / Priscila Regina
Lourenço. - Rio Claro : [s.n.], 2011
51 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

1. Educação. 2. Práticas da escrita. 3. História de vida. I.
Título.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente pela inteligência adquirida durante minha vida.

À Orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, Professora Maria Rosa Rodrigues de Camargo pela paciência, motivação e orientação.

Aos educandos e educadores do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) do Campus de Rio Claro, em especial, que direta ou indiretamente participaram desta pesquisa e contribuíram de alguma forma

À Dirce, educanda, amiga, mãe, poetisa que através das letras, procura se expressar e que foi de extrema importância em minha vida, tanto acadêmica como pessoal;

Aos meus pais, João e Ezilda, que sempre me deram forças nos momentos difíceis e também nos fáceis, e pela educação recebida até hoje.

À Larissa, Jéssica e Talita que dividiram alegrias e tristezas durante os anos da graduação e que, sobretudo me deram forças para continuar seguindo em frente mesmo que nos momentos mais difíceis da vida e da universidade.

Ao Tiago que muitas vezes, mesmo de longe, me ajudou com suas palavras confortantes.

Enfim, a todos aqueles que se sentirem parte deste Trabalho de Conclusão de Curso, muito obrigada por tudo.

*“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.”*

Paulo Freire

RESUMO

O estudo aqui apresentado integra o Projeto de Educação de Jovens e Adultos: práticas e desafios (PEJA), que é um projeto de extensão desenvolvido na Unesp – Rio Claro, com uma das turmas - a turma da Comunidade - que é composta, na maioria, por mulheres. Sendo a multisseriação uma característica desta turma, faz-se necessário um trabalho diferenciado dos que ocorrem em escolas que tem Educação de Jovens e Adultos (EJA) “regular”. Tendo como foco a escrita significativa e sua prática, o estudo objetivou buscar compreendê-las na visão dessas mulheres, que estão imersas na sociedade letrada. Por meio do trabalho desenvolvido nos encontros, a cada aula, com diversos tipos de textos, principalmente poemas, procurei considerar o ponto de vista das educandas, tomando como aporte metodológico o relato de alguns aspectos de suas histórias de vida; ao mesmo tempo, tais relatos eram considerados em suas possibilidades criativas para a aprendizagem e uma aproximação do que poderia ser uma escrita significativa, para as próprias mulheres. Entre os estudos teóricos que deram sustentação à pesquisa, estão escritos de Jorge Larrosa e Paulo Freire, considerando, também, outros autores. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e teve como sujeitos participantes, educandas e educadores e a pesquisadora, aprendiz. Para desenvolver a pesquisa utilizei-me de elementos da história oral como recurso teórico-metodológico. Compõem o material de análise as produções escritas das educandas e os registros em diário de campo das atividades realizadas e observações pela pesquisadora. Como objeto de reflexão destaco dois conjuntos de atividades que nomeei de Projeto Poemas e Projeto Palavras Verdes, os quais sustentaram este trabalho. O estudo realizado traz argumentos que podem contribuir para a educação de jovens e adultos ao considerar a participação dos sujeitos da pesquisa que se dá pela prática da escrita entrelaçada ao relato de fragmentos de sua história de vida. Poemas são o desafio.

Palavras-chave: escrita significativa, práticas da escrita, EJA, história de vida

Sumário

INTRODUÇÃO	6
PEJA: UM LUGAR DE APRENDIZAGENS/ TROCAS DE EXPERIÊNCIAS.....	10
A história de vida como disparador da aprendizagem: apontamentos metodológicos.....	11
A DIVERSIDADE TEXTUAL NO PEJA.....	15
PROJETO POEMAS.....	19
PROJETO PALAVRAS VERDES	35
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

Quando conheci o Programa de Educação de Jovens e Adultos – PEJA - não imaginava o quão este seria importante e significativo em minha formação acadêmica e também pessoal.

Por intermédio de uma colega de sala soube da existência do PEJA, mas não tive a curiosidade de ir conhecer naquele momento. Um ano após, procurei o PEJA com o intuito de participar e também a oportunidade de conseguir uma Bolsa-PROEX¹.

No início de 2009, estava eu conversando com a coordenadora do PEJA no campus de Rio Claro, a Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins, após ter passado por um processo seletivo, no qual fui aprovada, e então iniciei minhas atividades no projeto de extensão. Decorrente desta participação tomou corpo o interesse em aprofundar estudos sobre a temática, na forma de um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Fui surpreendida pela nova experiência, logo nas primeiras aulas, quando me deparei com senhoras que estavam dispostas a aprender simplesmente pelo fato de ter mais conhecimento e pude perceber que as educandas (alunas) tinham muito mais a ensinar do que a aprender. Havia tido contato com a alfabetização de crianças em outro projeto da UNESP - Rio Claro, mas com adultos era uma experiência nova e, ainda, por se tratar de um grupo de senhoras com diversidades culturais, religiosas, e algumas ainda que nunca haviam frequentado uma escola, devido a vários motivos.

Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe

¹ Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão – Bolsa BAAE II - concedida pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária.

sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe. (FREIRE, 2009, p.27)

As educandas buscavam aprender conteúdos da escola formal, mas no PEJA ocorre um ensino marcadamente não-curricular, onde não se utilizam apostilas, livros didáticos, e sim, considerando a necessidade das educandas, de acordo com o que elas próprias querem e consideram importantes aprender, para suas vidas. E outro ponto que me chamou atenção foi que as educandas estavam ali porque gostavam, porque queriam e isso tornava o meu “trabalho” muito mais desafiante, pois a qualquer momento elas poderiam não mais vir a frequentar as aulas.

Portanto todo dia, toda aula, era um novo desafio, um novo recomeçar, (re)aprender, (re)ensinar, com a responsabilidade que, muitas vezes, nos é atribuída, de transformar a vida das educandas e também a minha vida, de pesquisadora (educadora) aprendiz.

Assim, no decorrer das aulas, e de conversas informais com as educandas, comecei a me questionar sobre quais seriam os motivos, o por quê de elas estarem ali, quererem aprender; acabei indo mais longe, querendo saber o por quê dessas mulheres quererem escrever e qual seria o significado da escrita, e da prática da escrita, para elas. Que tipo de escrita, ou de prática, pode ser interessante, importante, e que tipo não é?

Devido às conversas, às experiências relatadas, às vivências, às histórias e memórias trazidas pelas educandas vieram-me certos questionamentos: elas escrevem por quê? Para quê? Qual é o significado dessa escrita para elas?

Pude perceber que quando escreviam referiam-se a momentos, acontecimentos de suas vidas. Foi aí que surgiu a ideia de analisar as produções escritas de autoria das educandas; os registros feitos por elas e também por mim.

Estes registros, com toda certeza, são fontes materiais essenciais para essa pesquisa, uma vez que foram feitos durante as aulas acontecidas entre os anos de 2009 e 2010. E, mais do que fontes materiais para uma pesquisa, são oportunidades raras para posicionarem-se frente a acontecimentos e questões de sua vida, pondo em prática, a escrita.

Apesar de não serem comuns e não serem muito utilizados encontramos referências a esses materiais em alguns autores. Para Bogdan e Biklen (1994)

os materiais que os sujeitos escrevem por si próprios também são usados como dados [...] coisas como autobiografias, cartas pessoais, diários, memorandos, [...] ficheiros pessoais e registros individuais de estudantes e processos também são incluídos. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 176)

Os registros produzidos pelas educandas e educadora aprendiz são “utilizados como parte dos estudos em que a tônica principal é a observação participante ou a entrevista.” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p.176)

O objectivo de recolher este tipo de materiais é de “obter provas detalhadas de como as situações sociais são vistas pelos seus actores e quais os significados que vários factores têm para os participantes”. (ANGELL, 1945, p. 178 *apud* BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.177)

Levando assim em consideração como é a vida, como são os pensamentos, as expectativas, os anseios, os problemas, as dificuldades, necessidades das pessoas as quais são sujeitos deste estudo, neste caso das educandas e também da educadora.

A princípio, ao dedicar-me à tarefa de ensinar e aprimorar a produção textual das educandas havia a intenção, tornada proposta, de trabalhar com poemas/poesias; no decorrer do trabalho achei relevante analisar outras modalidades de texto que foram inseridas nas atividades didáticas.

Podemos considerar que a apresentação e proposta de trabalho com a diversidade de modalidades textuais tiveram repercussão na produção textual das educandas como poderemos acompanhar mais adiante.

Da análise das produções das educandas efetivadas durante as aulas e dos registros da pesquisadora em diário de campo foi possível dar enfoque à prática da escrita significativa, considerando os objetivos inicialmente delineados para a pesquisa: proporcionar um espaço de continuidade de aprendizagem da escrita pelas educandas; estabelecer diálogos com as educandas tematizando as práticas da escrita em seu cotidiano de vida; propor a produção de material escrito que possibilite a reflexão por elas mesmas a respeito das práticas da escrita; analisar o material produzido durante as aulas (de educandas e educadora) tendo em vista a questão da significação das práticas.

Este texto se apresenta da seguinte forma: num primeiro momento faço um pequeno histórico da proposta de trabalho do PEJA, e como este contribuiu para a realização da pesquisa; é o que constitui o primeiro capítulo. No segundo capítulo, discorro sobre a metodologia utilizada na pesquisa. No terceiro capítulo apresento a análise de dois projetos (projeto poemas e projeto palavras verdes) que foram a chave para o desdobramento da pesquisa.

primeiro capítulo

PEJA: UM LUGAR DE APRENDIZAGENS/ TROCAS DE EXPERIÊNCIAS

A presente pesquisa se deu devido à minha participação no PEJA, um projeto institucional da UNESP e ocorre em sete *campi*, estes, espalhados pelo Estado de São Paulo; são *campi* onde tem o curso de Licenciatura em Pedagogia ou Licenciatura em Letras, com a proposta de oferecer uma educação para pessoas jovens e adultas, que não tiveram oportunidade de estudar no tempo considerado “regular”, pela sociedade e leis brasileiras.

Devido a uma proposta didático-pedagógica diferenciada, pois não considera uma organização curricular rígida e sim a composição do trabalho em sala de aula, fazendo emergir, da participação e decisão entre educadora e educandas, temas diversos de estudo, os modos de ensinar e aprender, no âmbito do PEJA, configuram-se como um espaço privilegiado de aprofundamento de estudos.

Como espaço privilegiado, refiro-me à oportunidade de exercitar uma nova leitura de mundo que, relacionada à leitura da palavra escrita, pode ancorar significativas reflexões a respeito do ensino que é próprio e condizente com Freire (2009, p.20), pois “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” e, contudo é possível ter a cada dia um novo aprendizado e conseqüentemente com cada pessoa, devido sua cultura, e/ou experiência de vida também. Na verdade, arrisco-me em dizer que ocorre uma troca de experiências, porém o aprendizado acompanha-a.

O Projeto de Educação de Jovens e Adultos –PEJA- tem como objetivo trazer a estas pessoas jovens e adultas, que não puderam estudar no tempo considerado “regular” pela sociedade brasileira, tenham uma nova oportunidade, que possam se reinserir ou inserir-se na sociedade, pois algumas pessoas que participam das aulas no PEJA nunca tiveram oportunidade de estar em uma escola regular antes; algumas chegaram a estudar um pouco, mas também é possível encontrar pessoas que são analfabetas e acabam se alfabetizando no PEJA.

“[...] enquanto ato de conhecimento e ato de criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito”. (FREIRE, 2009, p.19)

Algumas pessoas procuram o PEJA devido ao diferencial que este tem, pois não há divisões de turmas por segmentos², as salas são multisseriadas³, portanto um aluno aprende com o outro, e o educador aprende junto, pois quem participa das aulas no PEJA como professor/a (educadores) são alunos da própria universidade; no caso do PEJA – RIO CLARO são alunos dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura e Bacharelado em Geografia e Licenciatura em Pedagogia do campus. E por serem alunos, têm muito que aprender com essas pessoas jovens e adultas que participam das aulas, pois em suma, são pessoas de idade avançada, mas que tem uma história de vida magnífica, e que contribui muito para as aulas e com as aulas. E é exatamente na história de vida, na experiência que esses alunos (educandos) trazem consigo que consiste uma parte deste trabalho de conclusão de curso.

A história de vida como disparador da aprendizagem: apontamentos metodológicos

A história de vida está em conexão com a história oral, pois esta é uma das formas que podemos relatar ou então escrever sobre a história de vida e/ou escrever a própria história de vida, própria do/a autor/a; e esta, ainda é utilizada como recurso de diversas maneiras de ser relatada e explorada a história como instrumento de pesquisa. Este método de pesquisa recupera histórias não conhecidas e também faz com que as pessoas sejam capazes de produzir suas próprias histórias, porém havia muitas críticas quanto a esse modo de se contar história.

O principal alvo dessas críticas era a memória não ser confiável como fonte histórica, porque conceitos do entrevistador e do entrevistado e pela

² Nomenclatura utilizada para definir as turmas na EJA; sem definição direta do nível de escolaridade.

³ O que caracteriza uma sala de aula multisseriada e a composição de alunos/as em diferentes níveis de ensino, e idades; tal condição é mais comuns em escolas rurais. ROSA, Ana Cristina Silva. Classes multisseriadas: desafios e possibilidades. Revista *Educação e Linguagem*. Ano 11; No. 18, jul/2008.

influência de versões coletivas e retrospectivas do passado. (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2001, p.66)

Devido a estas dificuldades, críticas a história oral, historiadores documentalistas procuraram desenvolver manuais de história oral onde estes estabeleceriam um conjunto de regras (cânon) avaliando assim a validade da memória oral, lembrando que as fontes documentais não tinham menos valor seletivo aos historiadores tradicionalistas.

O novo cânon forneceu indicadores úteis para interpretar memórias e combiná-las com outras fontes históricas, a fim de descobrir o que ocorreu no passado. (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2001, p.67)

Portanto, procurando defender a história oral como somente mais uma fonte histórica de descobertas deixaram-se de lado outros aspectos importantes e valores do depoimento oral. Deixaram ainda de considerar muitos aspectos relevantes tanto do indivíduo, como do coletivo.

Porém, opostamente, a direção seguida pela história oral, segundo estes historiadores tradicionalistas denominados por Amado e Ferreira (2001) venho procurando através do indivíduo, do coletivo, de depoimentos orais (informais) buscar elementos para compor este trabalho, de forma que aliados a leitura e escrita de educandos e educadora, através dos registros e observações ocorridos durante as aulas, possa-se obter dados para compor esta pesquisa de cunho qualitativo.

A abordagem de investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.49)

Os registros são importantes, pois é o principal material de análise, principalmente os registros da educadora; registros em seu diário de campo, porém é importante ressaltar o cuidado com que se deve obter ao serem feitos estes registros, pois, devido à pesquisa ter cunho participativo “é interessante deixar bem distinto, em termos visuais, as informações essencialmente descritivas, as falas, as citações e as observações pessoais do pesquisador” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.32).

Devido às quase inesgotáveis formas de registros que se tem, assim como Ludke e André (1986) constataram, nesta pesquisa a observação participante é a forma predominante, pois são revelados aos sujeitos as proposições do pesquisador e seus objetivos, desde o início da pesquisa.

Porém, Amado e Ferreira (2001) explicam que quando se tenta relacionar memória/história de vida com teoria e prática fica bastante complicado, pois em suma, são coisas distintas, mas que se completam. Contudo a linguagem teórica muitas das vezes é inexistente na prática. Tanto a história oral como a memória coletiva são artefatos culturais e psicossociais, como nos indicam as autoras citadas.

E levando em conta a cultura, a memória, e a história de cada educando procuro aqui relatar e trazer algumas reflexões como educadora, afinal a prática, para além de completar a teoria, ou vice-versa, ambas se intrelaçam, interpenetram-se, como já citado anteriormente; neste trabalho aprendo junto com os educandos/as educandas, portanto, trocas ocorrem a todo momento, independentemente do que está, e se está sendo ensinado/passado.

Procurando resgatar a memória, reacender acontecimentos vividos, por meio dos relatos da história de vida dos educandos, utilizei-me de diversos recursos, dentre eles a apresentação e leitura de poemas e/ou poesias, de modo a que trouxessem elementos que pudessem nortear discussões e abrindo espaço e perspectiva para uma aproximação do que seria uma prática de escrita significativa.

Os Ombros Suportam o Mundo

*Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.*

*Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.*

*Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.*

Carlos Drummond Andrade

segundo capítulo

A DIVERSIDADE TEXTUAL NO PEJA

Considerar a linguagem como um “veículo” para o desenvolvimento do pensamento, e constitutiva do mesmo, tanto para as crianças como para jovens e adultos, é fundamental e contribui para definir a importância de saber ler e escrever que é direito de todo cidadão. Entretanto, inúmeras pessoas jovens e adultas, principalmente, e até mesmo crianças, acabam não aprendendo a ler e a escrever na escola formal devido à força de seu próprio pensamento de que não conseguem, ou não são capazes de tal ou tais aprendizados. E este é um problema, pois o aluno não acredita em si mesmo, que pode aprender, e sobre este assunto Camargo (2002) comenta que resistências e insistências ao “*não sei ler*”, podem ser ocorridas devido a necessidade de uma sobrevivência individual.

A aprendizagem da linguagem se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem. Nesse lugar, produzem-se as transformações sucessivas da atividade do aprendiz, que conduzem à construção das práticas de linguagens. (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004, p.75)

No que concerne à linguagem escrita e oral, enquanto práticas, estas estão em estreitas relações com a vida; com os pensamentos dos sujeitos que a vivenciam; constituem a história dos sujeitos, e destes na história, e fazem-na. Acredito que a diversidade textual é um caminho longo, porém que pode trazer resultados, talvez mais rapidamente, talvez nem tanto...

Portanto, o trabalho com a diversidade textual é importante em qualquer faixa etária, pois pode contribuir para que educandos/as, em qualquer nível de escolaridade, tenham acesso a formas diversas de manifestação da linguagem escrita e também oralizada. É fundamental também considerar os contextos de apresentação dessas diversas formas tendo em vista uma aproximação com a vida do aluno, de forma que ele se interesse não somente pela escrita, mas também pela leitura, até porque uma depende da outra, e possa entender o que escreve e para que escreve. Este é um dos aspectos que tem a ver com o que pensamos como função social da escrita.

A diversidade textual, que se manifesta pelos e nos diversos gêneros que são instrumentos de comunicação, como no caso da escrita e da leitura, também pode ser pensada em outras modalidades de linguagens possíveis de se expressar, tendo em vista que as práticas sociais “são o lugar de manifestações do individual e do social na linguagem” (BAUTIER, 1995, p. 203 apud SCHNEWLY, DOLZ, 2004, p.73). Sendo assim, podemos pensar a linguagem do corpo relacionada à leitura e escrita, inclusive a que é desenvolvida na escola; tomando como foco, por exemplo, a oralidade, esta está indissociavelmente relacionada ao corpo e à cultura⁴. E diante desta conotação, Schnewly e Dolz (2004, p.71) desenvolvem a idéia de que “gênero é que é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos”.

No contexto da discussão da diversidade textual relacionada às práticas, também às práticas do pensar, recorro a Bondía (1998, p.177) que discorre sobre a leitura da lição “na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar” e assim

O que se deve ler na lição não é o que o texto diz, mas aquilo que ele dá o que dizer. Por isso, a leitura da lição é escuta, além daquilo que o texto diz, o que o texto obriga e o que ele dá o que dizer. Ler não é apropriar-se do dito, mas recolher-se na intimidade daquilo que dá o que dizer ao dito. E demorar-se nisso. Entrar num texto é morar e demorar-se no dito do dito. (BONDÍA, 1998, p.177)

E no PEJA, esta diversidade de textos é bem trabalhada de modo que o aluno venha a se interessar pelo texto, seu assunto, sua estrutura, pois através destes conteúdos é possível que os educandos se identifiquem com a escrita, pois são utilizados textos variados e isto faz com que os educandos se sintam mais próximos da leitura e escrita, devido ao conhecimento que possuem.

Neste momento, lembro-me de Freire (2009) quando se refere à leitura de mundo e a leitura da palavra, pois anteriormente ao conhecimento da leitura da palavra todos temos uma leitura de mundo, porém uma depende da outra.

⁴ O tema que norteou os trabalhos do PEJA, em 2010, foi *Corpo, Cultura, Memória e Linguagens* o que se constituiu em oportunidade de aprofundamento dessa discussão.

Com este pensamento, e devido à leitura de mundo dos educandos/as procurei desenvolver nesta pesquisa um trabalho que fosse significativo para todos, e que eu, como educadora aprendiz, pudesse dar uma continuidade ao que vinha sendo trabalhado com os alunos do PEJA.

Entre uma conversa e outra com os educandos/as pude perceber que gostavam de escrever e, principalmente, escrever sobre suas vidas, acontecimentos, sentimentos, vivências, memórias; com o entrelaçamento desses fragmentos cotidianos com a poesia pude desenvolver um trabalho significativo, a partir das temáticas que foram surgindo no decorrer das aulas do PEJA.

Pesquisando alguns poemas/poesias percebi o quão seria interessante para os alunos terem contato com os diversos tipos de textos existentes em nossa sociedade, marcada pelas letras; muitos com certeza já haviam tido e ainda mantêm contato com poemas em seu cotidiano, mas não percebiam o quanto poderia ser valioso e relevante para suas vidas. Não somente como um texto escrito, mas como um aprendizado diferenciado, uma escrita da qual se pode abordar diversas temáticas, porém com outras implícitas num mesmo texto [poema] e que pode por vezes ser condizente com o cotidiano destas pessoas jovens e adultas.

Em seguida, apresento dois relatos que envolvem o desenvolvimento de dois projetos didático-pedagógicos sob minha responsabilidade, ao longo da trajetória de sua realização e o diálogo que fui estabelecendo com as educandas, com autores que contribuem para aprofundar minhas reflexões de educadora aprendiz e com o grupo. Trata-se do Projeto Poemas que constitui o terceiro capítulo deste trabalho e do Projeto Palavras Verdes que constitui o quarto capítulo.

CONTRASTES NA VIDA

*Agora que moro no mato,
Eu que sempre fui do asfalto
Só com vivências urbanas
Dos dias fugidios na correria
Das madrugadas quentes
Com brilhos tão frios.*

*Dos sinaleiros ditando o ir.
Das sirenes da polícia e das
ambulâncias como algo normal.
Dos prédios que verticalizados
Deixam-nos sem horizontes.*

*Das esquinas nem tão escuras,
Mas que nos deixam 'ligados'
Das praças mal iluminadas
que só louco para atravessá-las.*

*Vejo-me chegando à cidade,
Já noite escura, com suas luzes
E os brilhos do depois da chuva.
Reflexos mil pelo asfalto laminado.
Letreiros iluminados por todo lado
Refletindo neste chão molhado.*

*Tenho a impressão que estou
Entrando num jogo virtual,
ou num jogo de gato e rato
Com as ilusões no comando
Ditando a ordem das emoções
Regadas à vinho e adrenalina.*

*Eu que saí da minha morada
De onde a escuridão da rua,
Além de não despertar temor,
Nos chama para uma caminhada
e onde as pessoas me dão bom dia
E boa noite sorrindo, sem nunca
Terem me visto e eu fico encantado.*

*Então me vem à mente que
Não há como se reconhecer,
Da forma como se deveria,
A grande força criadora
Que rege toda a nossa vida*

*Estando sempre nas cidade
É muito difícil a fé se tornar real,
Pois um pai não pode sair na rua,
No meio de todo este agito, desta
balburdia com tantas agonias
e dizer: 'Filho este é o mundo que
Deus criou*

*Pois este não é o mundo que Deus criou.
Este é o mundo que o homem deformou*

HSERPA, 2008

terceiro capítulo

PROJETO POEMAS

O *Projeto Poemas* aconteceu no final do ano de 2009 e início de 2010, com a Turma da Comunidade, no PEJA-Rio Claro. Este projeto desenvolvido no decorrer das aulas no PEJA tinha um propósito bem diferenciado, no qual introduzi o poema na vida e no cotidiano das educandas, fazendo com que elas não lessem apenas o poema, mas também pudessem interpretá-lo pois, esta era ou talvez ainda seja uma dificuldade que tanto as educandas quanto a educadora enfrentam juntas. Ao mesmo tempo em que ocorrem interpretações diversas ocorrem também os confrontos entre as educandas e também com a educadora de certa forma.

Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos – não importa quem sejam – estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade. (FREIRE, 2009, p.27)

Pois cada um tem sua própria interpretação, dependendo da área em que trabalha do contexto social em que vive da experiência de vida adquirida, mas não se pode descartar, em momento algum, nenhuma interpretação, pois todas tem um fundamento de acordo com o mundo em que vivem. E com isso, abrem-se espaços para trocas, para o compartilhamento de aprendizados, se aceitos por ambos (educando/a e educadora).

O objecto de estudo consiste, exactamente, no modo como as diferentes pessoas envolvidas entendem e experimentam os objectivos. São as realidades múltiplas e não uma realidade única que interessam ao investigador qualitativo. (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p.62)

De início pensei em trabalhar apenas com determinados autores mais conhecidos, por mim e pelas alunas. Porém, em minhas pesquisas para encontrar poemas que em minha opinião seriam mais interessantes de levar para as educandas, percebi que havia muitos poemas que eram desconhecidos por mim, e para elas também poderiam ser, e então pensei em levar a elas poemas cujos autores fossem pessoas pouco conhecidas, e também autores conhecidos, renomados, para perceberem que qualquer pessoa poderia escrever um poema, independentemente de ser ou não reconhecido e também se quer ou não ser reconhecido.

Então busquei não somente uma temática, mas sim vários poemas cujos assuntos fossem bastante diversificados. Em uma das aulas, do *Projeto Poemas* levei para as educandas um poema de uma autora pouco conhecida, e cheguei a pensar, a princípio, que talvez as alunas não fossem gostar, ou nem quisessem ler ao ver que se tratava de uma autora cujo nome é desconhecido para elas e para mim também, mas me surpreendi.

Quando comecei a aula, ao entregar o poema para as alunas, elas acharam grande, disseram que não iriam conseguir ler tudo, e queriam saber o que ia ser feito com aquele poema. Expliquei então, que havia escolhido aquele poema, pois se tratava de um assunto atual, e que acreditava que fossem gostar. Então elas leram o poema, sozinhas.

A aluna D.T.P⁵., leu o poema, olhou e me disse:

Não entendi nada!

Então sugeri:

Vamos ler juntas, nós três, e vamos refletindo e discutindo sobre o que a autora tá querendo dizer; em que isso pode ser aplicado em nossa vida, como vemos isso.

E então reli o poema com as educandas. Devagar, sem pressa para que fossem comentando, caso achassem necessário, na verdade meu intuito era exatamente este, que comentassem sobre o lido no decorrer da leitura coletiva. Com o término da leitura, uma das alunas voltou a reler, buscando entender algo.

[...] ao ler, preciso entender rapidamente cada frase, pelo menos seu sentido literal, e só depois de entendê-la sinto-me pronto para um julgamento: o que li é verdadeiro ou falso, certo ou errado, agradável ou desagradável. Na minha vida cotidiana, ao contrário, são inúmeras as circunstâncias que escapam à minha compreensão, desde as mais gerais às mais simples e triviais: vejo-me frequentemente diante de situações sobre as quais não posso dar opinião, e prefiro não emitir julgamento. (CALVINO, 2001, p.141)

Outra aluna parecia não entender nada, mas às vezes dava alguns palpites:

⁵ Refiro-me as alunas (educandas) participantes da pesquisa com as iniciais dos nomes.

[...] é a poluição tá acabando com o mundo, nem água mais daqui um tempo teremos para beber.

E eu completei:

[...] pior que nem pra beber e nem pra nada porque a maioria da água do mundo é salgada, e como já vimos, em outras aulas, é muito complicado e difícil de tirar o sal da água.

Falavam ainda, sobre a questão de o rio encontrar com o mar, que o poema cita também, e a aluna D.T.P. destaca estes versos:

***O mar, em contradição
abre os braços e o recebe
no melhor do coração
como o amor que lhe apetece.***

E disse que esta “*parte do poema*”, especificamente, a fez lembrar-se muito da família quando leu, pois “*sempre tem alguém de coração e braços abertos para receber você*”, disse a aluna emocionada; e ainda comentou de quando se casou que a família de seu marido recebeu-a de braços abertos, como uma filha, com muito amor, assim como sua família também recebeu seu marido muito bem.

Esta comparação da aluna D.T.P. é muito interessante, pois é o que realmente acontece quando chegamos ou vamos para algum lugar estranho, podemos ou não ser bem recebidos, de coração e braços abertos pelas pessoas. E para ela foi um momento importante de sua vida, que ficou marcado.

Bondía (1998, p. 177) comenta sobre a leitura:

Na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da leitura, o importante não é o que nós sabemos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto a partir do texto – nós sejamos capazes de pensar. (BONDÍA, 1998, p. 177)

Sobre a leitura, seja ela da lição, ou não, é perceptível que o mais importante, vai sendo alcançado, pois cada aluna, em suas particularidades, tem pensado sobre o que leram, e não, necessariamente, pensar o que se quis passar adiante, quem o escreveu, no caso. Mas por outro lado, às vezes, questionamentos sobre o assunto

tratado no poema, o porquê do autor ter escrito isto ou aquilo acaba aparecendo, mas nada leva a outro significado que não sejam seus próprios.

Além disso, a aluna D.T.P. , se debruçou na escrita de um poema, com esses pensamentos que teve, focando a estrofe citada acima. Abaixo transcrevo sua produção.

O rio quis abraçar o mar

A água do rio é doce só até
chegar no mar.

Pois queira ou não queira ele
sempre há de chegar.

ele chega porque desemboca no mar e

Assim misturam as águas.

O rio fica atrevido por adoçar o mar.

mas há um engano, já é tarde

Pra voltar.

O mar abre os braços para o rio,

é o mesmo que acontece com

a união de um casal.

nessa suave união é que nasce uma paixão.

Que sem ter pra onde ir, muitas pessoas

procuram um abrigo e

são recebidas com carinho

e são felizes ganham um abraço e

é nesse momento que se torna uma união.

Esse encanto do rio se faz alojar no mar e

nesse momento é que se aprende a amar.

Sentir na alma e na pele a carícia dos namorados

a contemplar o luar a sós

na beirada de um rio

que agora é um grande mar.

(D.T.P – junho de 2010)

Como se pode perceber ela fez um poema, de acordo com o poema trabalhado em sala de aula. E trazendo parte de sua história, por meio da memória resgatou seu passado para poder escrever o poema. Resgate este que se deu a partir da leitura do poema apresentado durante a aula. E era exatamente esse resgate que eu procurava fazer quando propus a atividade para as alunas, importante realmente havia de ser o que o conteúdo do poema disparava para cada participante, que sentidos iam construindo, e não a estrutura do poema em si; prezo muito o entendimento, o compreender e não a cópia, e nesta estrada não me encontro sozinha, pois é este também um dos objetivos do PEJA, que o aluno além de aprender possa compreender, pois senão de nada adiantaria voltar a estudar.

E posso relacionar o poema transcrito acima, feito por uma das educandas, com alguns argumentos conceituais da história oral, pois, o poema traz um pouco de sua história de vida. História esta que, frequentemente, nas aulas ela reconta e relembra de algum fato importante e significativo de seu passado.

Mas a exploração já está indo bem além dessa incorporação da memória à história: a tensão produtiva vem gerando novas abordagens à concepção tanto da história quanto da memória, nas quais o processo de dar sentido ao passado é entendido como uma capacidade mais geral, expressa de várias formas e modos, como podem ser mais bem entendidos como organizados em vetores de diferentes espectros, em vez de estarem agrupados em torno de noções polarizadas de história e memória. (THOMSON, FRISCH, HAMILTON, 2001, p.77-78)

A história oral tem por princípio resgatar a memória e a história de vida. Porém quando tentamos relacionar isto com teoria e prática fica bastante complicada, pois, em suma, são coisas distintas, mas que se interrelacionam. Contudo a linguagem teórica muitas vezes não referenda a prática.

“A história é importante por sua capacidade de moldar e subverter a memória coletiva” (THOMSON, FRISCH, HAMILTON, 2001, p.77).

Aproveitando a “brecha” que o poema trabalhado anteriormente deixou, devido à questão da memória, lembrança do passado, levei às alunas um poema de

um autor desconhecido, com o nome de *Contrastes na Vida*, de autoria de HSERPA⁶ (2009). Este poema trouxe a mim e às educandas muitas lembranças e reflexões. Principalmente a lembrança da infância, e de momentos a que o poema nos remete; as alunas acabaram por se identificarem com eles.

A aluna M.L.D.S. lembrou muito de sua infância e disse que quando era pequena e ouvia uma sirene do corpo de bombeiros já pensava no que poderia ter acontecido, alguma tragédia provavelmente, pois era como um alerta esta sirene, em sua mente.

No verso: **“Das praças mal iluminadas que só louco para atravessá-las.”** M. L. D. S. se lembrou de que hoje em dia e também quando era pequena havia muitos lugares mal iluminados, e, portanto perigosos de se passar. Já no verso, **“Regadas à vinho e adrenalina.”**, ela comentou sobre o Deus Grego Baco, sobre os bacanais, disse ter lembrado, pois é considerado pela mitologia grega o Deus do vinho.

Esta lembrança me leva a pensar que com certeza ela deve ter aprendido sobre mitologia grega na escola em que frequentou, por pouco tempo, no entanto lembra-se de muitas coisas que aprendeu, e foi muito significativo, pois caso contrário não se lembraria de determinados assuntos como este, por exemplo. É claro que podemos remeter este fato ao condicionamento, em que Fontana (1997) com base nos estudos em Piaget, fala muito, porém podemos dizer que para ela, devido ao gosto pelos estudos, ficou afixado em sua memória, devido ao seu aprendizado, pois se fosse somente um condicionamento, ela já teria se esquecido desse assunto.

A estrofe a seguir também tem relação com a vida escolar de M. L. D. S., como ela mesma relata:

Eu que sai da minha morada

De onde a escuridão da rua,

Além de não despertar temor,

⁶ Nome do autor abreviado conforme encontrado no site em que a poesia está disponível: <http://www.hserpa.prosaeverso.net>.

***Nos chama para uma caminhada
E onde as pessoas me dão bom dia
E boa noite sorrindo, sem nunca
Terem me visto e eu fico encantado.***

(HSERPA, 2008)

Ao ler a estrofe pela primeira vez, em silêncio, ela comentou que quando ia à escola ou algum lugar; quando passava pela rua e havia pessoas nas portas de suas casas, todos a cumprimentavam. E para ela era algo fabuloso, pois se sentia especial, importante, e por isso as pessoas a cumprimentavam. E ainda completou:

Eu achava isso o máximo, pra mim era importante esse elogio!

Quando M.L.D.S. fez estes comentários veio-me a mente várias imagens, como se estivesse vendo o que ela falava. E também, quando, lendo o poema com as alunas em voz alta, pensava em como o nome do poema é extremamente forte, porém real. Pois o contraste do antes e do agora é muito significativo. Apesar de alguns versos estarem diretamente ou indiretamente entrelaçados, ou então não terem mudado em relação ao hoje, pois as ruas continuam escuras, porém a escuridão é maior e dá com certeza muito mais medo do que na época escolar em que M. L. D. S. conviveu.

A diferença, o contraste em se morar na cidade e no campo é muito gritante, e nas falas das alunas M.L.D.S e D.T.P., que compartilham da mesma idéia, é perceptível a indignação das educandas, de como o campo vem sendo “engolido” pelas grandes cidades, de tal forma que nem árvores vemos quase pelas ruas, e com isso as pessoas sofrem devido aos malefícios que a urbanização traz, porém é claro que não se pode deixar de evoluir juntamente com a cidade, com o meio urbano.

Mas ao mesmo tempo, as pessoas não percebem o quão mal estão fazendo para si próprios, pois o individualismo desde cedo está presente nas pessoas, tanto que podemos ter como exemplo as próprias crianças que se tornam individualistas demais devido à convivência com os adultos, seus pais, que são individualistas exatamente por causa da sociedade em que vivemos.

Retomando assim Galvão (1995) que discorrendo sobre Wallon, destaca que em sua teoria, o meio social é influência fundamental exercida sobre o desenvolvimento da pessoa humana.

Pude perceber que a lacuna que existe entre o pensamento das educandas e o meu, são muito próximas, pois a indignação em que demonstram, em suas falas, é a mesma que também compartilho, mesmo vivendo em cidades diferentes, nos importamos com tais questões, anteriormente descritas.

Além do pensamento compartilhado de educandas e educadora outro elemento que pode ser responsável por esta lacuna que acaba se estreitando com o tempo é justamente a história do tempo presente, no qual devemos “compreender o presente por meio do passado e sobretudo o passado por meio do presente”. (BÉDARIDA, 2001, p.221)

Ainda sobre a história do tempo presente Chartier (2001, p.217) conclui que “a história do tempo presente manifesta com peculiar pertinência a aspiração à variação que é inerente a todo trabalho histórico”.

Continuando com o *Projeto Poemas*, desta vez procurei levar um poema de um autor mais conhecido, o poema escolhido foi *Os ombros suportam o mundo*, de Carlos Drummond de Andrade (1985).

Ao entregar às alunas o poema, e logo numa primeira leitura, M.L.D.S. comentou vários pontos que achou interessante no poema; a outra aluna D.T.P. nem tanto, porém se mostrou bastante pensativa sobre o conteúdo do poema.

A aluna M.L.D.S. gostou muito e logo já foi falando o que pensava o que lembrava quando lia determinado verso, como ocorrido com o transcrito abaixo:

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Ao ler o verso acima M.L.D.S. comentou:

Ah, isso aqui é verdade, pouco importa, a velhice traz experiência. E outra, vou pro baile da terceira idade pra lembrar que sou nova, mas fico no meio dos jovens. Convivo com jovens, tenho filha de 16/17 anos.

Este comentário foi muito interessante, pois mostra que ela é uma pessoa ativa e empolga as outras alunas com sua energia. E ao falar que *a velhice traz experiência*, fiquei me perguntando: o que será que para M.L.D.S. é *experiência*? É ser velha, ter mais idade? Ou saber mais do que os jovens, ou ainda saber mais do que algumas pessoas, mesmo sendo estas mais velhas que ela?

Diante desses questionamentos Bondía (2002, p. 25) traz algumas reflexões:

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. [...] A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente.

A aluna D.T.P., por ser muito religiosa, assim como M.L.D.S. também, destacou o primeiro verso e comentou:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

[...] é verdade hoje em dia ninguém mais procura Deus para agradecer, somente para pedir, isso quando se lembram de Deus, os jovens de hoje só querem pedir, mas agradecer não!

M.L.D.S. completou a fala de D.T.P.:

[...] é, mas também tem muita gente da nossa idade, bem grandinho que pensa do mesmo jeito que os jovens e tem as mesmas atitudes.

Elas também comentaram que sempre precisamos ter a criança dentro de nós senão como iremos viver? Precisamos de um espírito de criança, senão não conseguimos viver no mundo de hoje – M.L.D.S. que falou mais sobre isso.

A educanda D.T.P. comentou que o título do poema realmente chamou muito a atenção dela, pois, as mulheres em geral sempre carregam o mundo nas costas, e suportam muitas coisas e, historicamente isso é comprovado, que as mulheres têm outros afazeres e devem ser submissas, e ela comenta que até hoje, infelizmente essas coisas acontecem devido à sua criação e de seu marido também, por ter casado muito nova, mas que ela faz de tudo para mudar e aos poucos as atitudes

dela e do seu marido também vão mudando, porque afinal o mundo está mudado, e ela tem muito apoio dos filhos principalmente para continuar estudando.

No poema há alguns versos que tratam sobre a morte e, ambas (D.T.P. e M.L.D.S.) comentam que é a única certeza que temos na vida, afinal morrer todo mundo morre e vira um nada, só ficam as lembranças. E a educanda M.L.D.S. diz ainda que:

A morte faz parte da vida, não tem jeito!

Depois de elas exporem o que pensaram ao ler o poema, refletimos juntas, para tentar entender a ideia do autor, pois acharam importante fazer isso. Queriam se colocar no lugar do autor, para tenta entender o que ele pensou ao escrever o poema porque acharam bonito, gostaram muito, e ficaram surpresas devido à realidade explicitada pelo poema.

Nessa discussão alguns pontos de vista, como já citados acima, foram desdobrados de forma que eu também expressei minhas opiniões sobre o poema; expus meus pensamentos que em certos momentos eram compartilhados com as educandas, pois a condição de ser uma educadora aprendiz me traz um privilégio, talvez, uma certa liberdade de expressão, em que os receios de acertar ou errar ficam, de certo modo, relativizados. Afinal, como sempre ressalto para as alunas, não me considero melhor ou pior, mais ou menos que ninguém ali (na sala de aula). E a troca que ocorreu neste dia especificamente foi muito válida devido ao assunto que o poema aborda, nas entrelinhas, que é o contraste das vidas, das idades, entre outros que foram destacados pelas educandas e educadora.

E para concluir este projeto trabalhei com um poema de Manuel Bandeira (1986), *Vou-me embora pra Pasárgada*.

Vou-me embora pra Pasárgada

*Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada*

*Vou-me embora pra Pasárgada
 Aqui eu não sou feliz
 Lá a existência é uma aventura
 De tal modo inconseqüente
 Que Joana a Louca de Espanha
 Rainha e falsa demente
 Vem a ser contraparente
 Da nora que eu nunca tive*

*E como farei ginástica
 Andarei de bicicleta
 Montarei em burro brabo
 Subirei no pau-de-sebo
 Tomarei banhos de mar!
 E quando estiver cansado
 Deito na beira do rio
 Mando chamar a mãe-d'água
 Pra me contar as histórias
 Que no tempo de eu menino
 Rosa vinha me contar
 Vou-me embora pra Pasárgada*

*Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização
 Tem um processo seguro
 De impedir a concepção
 Tem telefone automático
 Tem alcalóide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Para a gente namorar*

*E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 — Lá sou amigo do rei —
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada*

Manuel Bandeira

A escolha desse poema foi proposital, pois devido ao conteúdo temático deste, pensei que seria muito interessante trabalhá-lo com as educandas e que conseguiria trazer a elas muitas recordações e discussões sobre o que o poema

traz. E também porque eu, como educadora, gosto muito, particularmente, deste poema, devido às lembranças que me traz, pois minha memória remete-me aos anos em que frequentava o ensino médio e tive uma tarefa, exatamente, com este poema. Tarefa na qual, tinha que destrinchar o poema, da forma em que havia entendido e compartilhar com os colegas de sala de aula.

Devido a esta tarefa pensei: *Por que não fazer algo parecido com as educandas do PEJA? É difícil sim, mas para mim também foi, não custa tentar!*

No dia em que levei esta atividade, infelizmente, havia somente duas alunas, mas mesmo assim não deixei de lado a atividade. Entreguei às alunas presentes uma cópia do poema, e começamos a ler coletivamente, cada uma lia uma estrofe do poema, e no final uma das alunas quis reler sozinha, em silêncio; então ao reler algumas estrofes do poema ela disse:

Ahh então Pasárgada é o paraíso pra ele! Mas será mesmo que é paraíso ou ele pensa que é?

Ao continuar a ler silenciosamente ela completou:

Hum, agora entendi, é o lugar onde ele morava quando era criança!

E comentou ainda que, o lugar em que ela, D.T.P., morava quando era criança também era o paraíso para ela. Não que ela não goste da casa e do lugar em que mora hoje, mas antes era mais lindo. A outra aluna, N.C.M. completou lembrando que antigamente era tudo mais bonito e mais simples.

Antes tinha muito mais verde nas ruas, hoje só tem lixo!

Com estas falas, das alunas, podemos perceber que a memória mesmo que, às vezes, um pouco fraca, merece autenticidade e não deve ser descartada nenhuma palavra dita, pois tudo é válido.

David Thelen nos lembra que, “como as memórias das pessoas conferem segurança, autoridade, legitimidade e, por fim, identidade ao presente”, não é de surpreender que “os conflitos acerca da posse e da interpretação das memórias sejam profundos, freqüentes e ásperos”. (THELEN, 1990, p. xvi apud THOMSON, FRISCH, HAMILTON, 2001, p.85)

Elas gostaram deste poema, principalmente D.T.P.; e ainda sobre o poema completou:

Ele não é feliz aonde mora e quer ir pra pasárgada porque acha que lá tudo é lindo, que poderá ter uma vida de rei.

A educanda D.T.P. comentou ainda sobre a felicidade, que se não somos felizes onde moramos temos que mudar de lugar, porque assim pode-se ser feliz. Ou então é algum motivo que faz com que não sejamos felizes em determinado lugar.

Depois de exporem suas opiniões, pedi que tentassem escrever um poema, não uma reprodução, mas um poema com uma temática ligada ao poema que passei a elas, nesta aula. E uma das alunas me surpreendeu com um poema cujo título é *Vou-me embora pra Unesp*.

Vou para a Unesp.

Vou passar a tarde na Unesp.
Para aprender e estudar.
Fico com colegas atentos.
Observando os movimentos.
Escrevendo, lendo e aprendendo.
Nem percebo o tempo passar.
Já dá o horário para casa
voltar.

Volto para casa depressa.
Para os afazeres de lar.
Passa rápido o tempo.
Já é hora de descansar.
Vejo o luar e começo a rezar.
Logo durmo e descanso.
Para no outro dia acordar.
Sem perceber já é hora de
na Unesp voltar!

Pasárgada é o “paraíso” e para D.T.P. é um lugar de aprendizado, onde eu mesma, como educadora e pesquisadora aprendiz, me ponho como parte do “paraíso” dela. As letras, a leitura, a escrita, são refúgios de muitas pessoas, e assim, para essa educanda, a poesia, página escrita, é meio ou veículo pelo qual expressa seus sentimentos, pensamentos, angústias, dentre outros tantos motivos que a levam a escrever.

Prece de amazonense em São Paulo

Poema inspirado em Carlos Drummond de Andrade

Milton Hatoum

*Espírito do Amazonas, me ilumina,
e sobre o caos desta metrópole,
conserva em mim ao menos um fio
do que fui na minha infância.
Não quero ser pássaro em céu de cinzas
nem amargar noites de medo
nas marginais de um rio que não renasce.
O outro rio, sereno e violento,
é pátria imaginária,
paraíso atrofiado pelo tempo.*

Amazonas:

*Tua ânsia de infinito ainda perdura?
Ou perdi precocemente toda esperança?
Os que te queimam, impunes,
têm olhos de cobre,
mãos pesadas de ganância.*

Ilhas seres rios florestas:

*o céu projeta em mapas sombrios
manchas da natureza calcinada.
Tento abraçar a imagem fugidia
de um barco à deriva no mormaço
com os mitos que a linguagem inventa.
Espírito amazonense, tímido talvez,
e desconfiado para sempre,
não me fujas em São Paulo,
nem me deixes à mercê
dos pesadelos que incendeiam o mundo.*

*Se o Brasil te conhecesse
antes do fim que se aproxima,
salvaria tua beleza? Teus seres desencantados?
Entenderia a ciência tua infinita riqueza?*

*Abre a janela de um barco
ante meus olhos,
e que ao teu profundo rio conduza
a memória de línguas estranhas
e tantas histórias ocultadas:
Amazonas.*

Setembro de 2007

quinto capítulo

PROJETO PALAVRAS VERDES

O *Projeto Palavras Verdes* foi assim nomeado devido ao entrelaçamento com as demais disciplinas, e norteando-se pelo tema escolhido para ser trabalhado no primeiro semestre de 2010; tema este que as próprias educandas sugeriram devido aos acontecimentos, inclusive na cidade de Rio Claro, envolvendo a má conservação do Horto Florestal⁷ da cidade e poluição do meio ambiente como um todo. Registro que este não é um problema particular da cidade de Rio Claro, mas do mundo de forma geral.

É importante registrar que o tema ganhou corpo também devido à curiosidade das educandas em conhecer e saber mais sobre plantas, entre outros assuntos relacionados com o tema. Em conversas durante as reuniões do PEJA, com os colaboradores e bolsistas que atuam na Turma da Comunidade foi sugerido trabalharmos o tema *Floresta* que, devido à sua abrangência, seria desenvolvido por todos, nas diversas disciplinas.

Foi, a partir do interesse acima indicado, que surgiu o tema *Projeto Palavras Verdes*. Tendo o ensino da Língua Portuguesa e da Geografia, sob minha incumbência, e devido a outros colaboradores trabalharem com outras disciplinas, entre elas, Ciências, Biologia, História, a proposição inicial - tema *Floresta* - vai se desdobrando, entrelaçando conteúdos mais específicos de cada disciplina, ao mesmo tempo em que os esforços coletivos do grupo – educadores e educandas – norteiam-se por uma problemática de cunho social, educacional, cultural e político.

Caberia aqui um parênteses para retomar, em síntese, o tema de trabalho do primeiro semestre de 2010. Podemos dizer que o núcleo do tema é *Floresta*; os elementos disparadores são questões relacionadas ao ambiente do entorno as quais compartilham educandas e educadores: poluição ambiental e má conservação da *Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade* – tombada como patrimônio e uma

⁷ Nome popular designado para a Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade - FEENA

das pérolas ambientais do município de Rio Claro. Em acréscimo, há o interesse subjetivo das educandas em aprofundar saberes a respeito da diversidade de plantas, que o campo de estudos da Botânica pode oferecer.

Retomando o lugar do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, ressalte-se que este perpassa e constitui todos os projetos, uma vez que subsidia a leitura em suas interfaces com a compreensão do texto, aprofundamento do assunto etc, e a escrita em suas interfaces com a organização do pensamento, registro do que já se sabe, do que ainda não se sabe bem. Então, a partir destes pressupostos achei necessário e válido apresentar às alunas os variados gêneros textuais que temos, recorrendo ainda às suas vivências, memórias, e mostrar a elas que a escrita é um dos meios que utilizamos para expor nossas idéias.

“[...] o gênero como um instrumento – unidade de conteúdo temático, composição e estilo - deve poder ser adaptado a um destinatário preciso, a um conteúdo preciso, a uma finalidade dada numa determinada situação.”
(SCHNEUWLY, 2004, p.27)

A partir desses pressupostos, foi pensado em um “roteiro” para as aulas, tendo em vista direcionar e organizar o trabalho. Porém, mesmo com este direcionamento, tive e tenho autonomia para mudar este “roteiro” pensado em conjunto, pelos colaboradores e bolsistas que participaram da elaboração e escolha do tema, assim como dos projetos que surgiram deste.

Para iniciar o *Projeto Palavras Verdes* trabalhei com a fábula de La Fontaine, *O Lobo e o Cordeiro* propondo que as alunas fizessem uma interpretação da fábula. Cada educanda fez uma interpretação diferente, o que resultou em uma leitura bastante ampliada da fábula e isso foi muito rico para o trabalho. Era esse um dos objetivos, ou seja, que cada educanda pudesse expor sua opinião; a discussão chegou ao ponto de querer “adivinhar” o que o autor quis dizer e passar aos leitores.

Refletindo a respeito do desenrolar dessa aula, veio-me à mente um texto de Jorge Larrosa no qual fala sobre os objetivos da lição, objetivos estes que não devem ter um começo e um fim, e sim estar sempre nos próprios processos da aprendizagem, e ainda fala sobre a leitura: “Por isso ler é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer, trazer o pensado à proximidade do que fica por pensar, trazer o respondido à proximidade do que fica por perguntar”. (BONDÍA, 1998, p.177)

Após ter trabalhado com uma fábula, recorri a um poema visando que as alunas percebessem que o modo da escrita é diferente e também o texto é mais elaborado, com palavras diferentes que muitas vezes não conheciam, mas que sabiam o seu significado; estava em pauta um outro modo de escrever. O poema trabalhado foi o de um autor pouco conhecido, Milton Hatoum, que se inspirou em Carlos Drummond de Andrade para compor o poema *Prece de Amazonense em São Paulo*, no qual o autor retrata um pouco como ele vê e como as pessoas veem a Amazônia, a floresta e seus acontecimentos. Aqui destaco um trecho do poema

***“Se o Brasil te conhecesse
antes do fim que se aproxima,
salvaria tua beleza? Teus seres desencantados?
Entenderia a ciência tua infinita beleza?”***

O propósito desta atividade foi relacionar dizeres do poema com a vida das educandas, trazer para perto uma realidade que parece tão distante – da Amazônia – que, no entanto, têm proximidades quando o tema são problemas ambientais, que ocorrem também em Rio Claro, e no mundo de modo geral. Sem dúvida, para elas é muito importante olhar e discutir, buscar compreender e até pensar em soluções, o que está próximo que, no caso é a Floresta Estadual; para todas elas é algo importantíssimo, pois quando crianças iam brincar nesse lugar. Ainda, uma das alunas chegou a morar no lugar e nos relatou que antes não era nada do que se vê hoje, que havia mais bichos, mais árvores. Segundo ela, *era um lugar gostoso de ir, de brincar, mas hoje tudo mudou, é uma judiação.*

Essas e outras ocorrências em aula desencadearam várias discussões e relatos. Como educadora, meu papel é também o de provocar desafios de reflexão; foi aí que perguntei sobre o rio que passa pela Floresta e elas então voltaram a criticar, dizendo que o rio chamado Ribeirão Claro já está muito poluído quando chega à Floresta, imagine-se mais pra frente, pois sua passagem por ali não fica tão longe da nascente, onde ele é limpinho, segundo relato das alunas, que já foram até a nascente do rio Ribeirão Claro, em uma saída de campo no ano passado (2009) com alguns educadores do PEJA. Esta saída de campo foi objeto de estudo no Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no âmbito do PEJA- Rio Claro, de autoria de Felipe F. Joaquim (2009). Na fala das educandas é perceptível a

indignação com o abandono que vem ocorrendo com a Floresta Estadual. E com a natureza de modo geral.

Relaciono que esta indignação das educandas não é devida a informações que as alunas tem sobre a Floresta Estadual, ou as que são produzidas pela mídia, por exemplo; pensando com Bondía (2002), que a “informação não é experiência” (p. 21), arriscar-me-ia a dizer que esta indignação advém da experiência, pois vivenciaram, tiveram contato muito próximo com o lugar, como algo que faz parte da vida delas.

Com essas discussões, vieram questionamentos, por parte das educandas sobre os rios e seus afluentes, e também da Amazônia, os que cortam a Floresta Amazônica. Este foi o elo pinçado do poema de Hatoum; ao mesmo tempo, abriu-me a porta para alguns estudos no campo da Geografia. Em uma aula posterior, levei o mapa do Brasil onde era possível identificar os rios de todos os Estados do Brasil, e elas logo foram procurar a Floresta Amazônica, seus rios e afluentes que por ali passavam, e ainda procuraram alguns nomes de rios que são “famosos” e elas não sabiam onde ficavam. Procuraram também algumas cidades e Estados que tinham curiosidade em saber onde se localizavam. E, ainda, localizaram algumas hidroelétricas existentes no Brasil, que não imaginavam ter mais do que uma ou duas, apenas haviam ouvido falar, nunca tinham visto num mapa onde poderiam estar instaladas, bem como não tinham noção de onde ficava se era perto ou longe de onde moravam...

Foi a partir deste momento que, motivada pela curiosidade das educandas e também pela oportunidade de aprofundar leituras do mapa, aproveitei para trabalhar a distância entre cidades, Estados brasileiros, pois algumas delas têm parentes que moram em outras cidades ou trabalham em cidades próximas a Rio Claro ou então em cidades mais distantes e até outros Estados.

Se há algum diferencial nos modos de desenvolver as práticas didático-pedagógicas, no âmbito do PEJA, podemos dizê-lo a partir dos elos enlaçados que vão se fazendo presentes em cada encontro; à primeira vista, podem parecer desconexos, soltos, um assunto puxando outro... no entanto, cabe à educadora, aprendiz, momentos de reflexão que carregam potencialmente boa dose de

invenção. Nesta perspectiva, o que fazem algumas leituras teóricas, é fomentar essa invenção.

Ao referir-me à atividade acima relatada – do local entorno, aos rios, aos mapas, às hidroelétricas, às cidades - ocorreu que as educandas se recordaram de vários momentos quando ainda estudavam e, mais especificamente, uma das alunas, que teve condições de estudar por mais tempo. Outras não tiveram a oportunidade de estudar muito ou então nem chegaram a frequentar uma sala de aula, como é o caso de duas participantes dessa turma. Assim relembro de Bondía (2002) que ao discorrer sobre experiência remete-me às recordações, que entendo como acontecimentos, na vida das educandas.

[...] saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (BONDÍA, 2002, p.27)

Portanto não importando quem frequentou ou não a escola, no ambiente de uma sala de aula, em que os sujeitos participantes, educadora e educandas, abrem-se à escuta, acontecimentos podem vir à tona, seja como relato que remete a experiências passadas, seja como possibilidade de experiência, pelo efeito que produz – indignação ou lembranças – mais do que pelo relato que se efetiva.

Após essas aulas, nas quais as educandas escreveram, puderam expor suas opiniões, sentimentos, recordar, reviver (em pensamentos e lembranças) alguns bons momentos de suas vidas, percebi que estava no momento certo de partir para uma atividade diferente, daquelas em que elas estão acostumadas e sempre querem e/ou preferem, que é a escrita. Apesar do receio, em trabalhar com as educandas uma atividade diferenciada das que estão acostumadas desde os tempos em que, algumas que frequentaram a escola, estudavam na sala de aula considerada “normal” decidi arriscar e modificar.

A atividade tinha como proposta fazer com que as educandas escrevessem a partir de uma imagem, e que percebessem que é possível escrever um texto, uma poesia, uma redação por meio de imagens, afinal é um modo de linguagem, e que pudessem perceber que as imagens podem falar tanto quanto palavras, em vários momentos, e também que um texto pode ser composto por uma imagem apenas. Levei revistas e alguns jornais, peguei cartolina, cola e tesoura.

A princípio ficaram desconfiadas, pois perceberam que havia um material diferente na sala, e que provavelmente iriam utilizar; o diferente sempre assusta, seja a educadora sejam as educandas, e com elas não foi diferente. A desconfiança perdurou até que eu explicasse o que eram aqueles materiais a mais na sala, o que iriam fazer naquela aula. O que é diferente assusta o medo do “novo” muitas vezes distancia as pessoas.

Comecei a aula lembrando tudo o que já havíamos estudado, visto, sobre a natureza, a floresta, os rios, e neste momento as educandas lembraram de outras aulas, das saídas de campo que haviam feito com outros educadores do PEJA que estavam dando aula às terças-feiras, das vezes que foram visitar a Floresta Estadual de Rio Claro. Com esta “brecha”, aliando ambos os trabalhos, fui aos poucos falando o que seria aquela aula, o que eu gostaria de passar a elas. E então, claramente disse que gostaria de uma escrita por meio de imagens, que não me importava à coerência ou a ordem; o que era importante eram as imagens que selecionariam para contar uma história, em suas cartolinas, individualmente. A partir deste momento a desconfiança cedeu espaço ao querer aprender mais, e a querer fazer a tarefa e bem feita. Em momento algum fiz exigências ou as obriguei a fazerem algo que não quisessem; todas se mostraram empolgadas e ao mesmo tempo preocupadas em como iriam fazer um texto somente com imagens.

Esta é uma dificuldade em geral, pois na escola a escrita é algo muito exigido, e no texto encontram-se os fragmentos do cotidiano, os relatos, registros, as comunicações. Os sentimentos, as emoções, as vivências, os quereres (CAMARGO, 2002, p.65); porém, entendo ser possível termos estes elementos citados em uma escrita por meio de imagens.

Após folhear as revistas as alunas recortaram algumas imagens, e uma das educandas me chamou atenção, pois ela recortou uma menina, e um lugar onde estão plantando alguma coisa; perguntei a ela o porquê dela ter recortado aquela menina; foi quando tive uma bela surpresa; ela simplesmente me disse:

Ah, essa menina tá olhando pra essa imagem de fazenda que tem plantação, e ela vai fazer aniversário e os pais dela vão dar de presente uma viagem pra esse lugar aqui [apontou para a imagem], porque ela não conhece uma fazenda né, ela vivi na cidade! (C.S.F., 30/06/10)

Nesse momento, esta educanda mudou totalmente o rumo da minha aula, pois a intenção era somente ter a imagem como forma de um texto, mas devido à sua explicação sobre as imagens escolhidas por ela, se não houvesse a escrita, perder-se-ia muitos registros importantes, e então deixei que todas as educandas terminassem de recortar as imagens e/ou figuras, e depois colaram cada uma em sua cartolina às figuras de acordo com a sequência desejada por cada educanda, umas recortaram muitas figuras, outras nem tanto, mas todas fizeram a atividade com bastante atenção e entusiasmo. Neste caso, invertendo a razão da escrita, na escola em geral, como um dos modos de contar uma história, que remete o aluno ao que sabe – ou não – escrever, a escrita se pôs em sua necessidade de ampliação do que se queria e se tinha a dizer.

Com o texto composto por imagens, partiram então para o texto escrito. Uma das educandas, ao mesmo tempo em que estava colando as figuras, foi pensando no texto escrito, pois para ela, segundo relatou, não tem como pensar em um texto escrito, com as imagens já pré-definidas, tem-se que pensar no texto ao mesmo tempo em que monta seu texto com imagens. Posso dizer que são as imagens puxando o texto; mas também posso dizer que são as imagens puxando pensamentos do lugar e da função da escrita.

A escrita foi feita de modo livre, escreveram em forma de redação, um texto corrido, sem restrições. Escreveram de acordo com o que haviam pensado, devido às imagens escolhidas. Este trabalho de escrita foi realizado fora da sala de aula, pois elas preferiram assim, devido ao tempo restrito durante as aulas; em uma aula seguinte trouxeram para eu ler e ver se estava bom, se não havia palavras erradas, pontuação, como eu avaliava o corpo do texto, pois elas têm medo de errar, de fazer errado. As educandas não conseguem perceber que sabem e o quanto sabem, fazer; elas não vêem que tem essa capacidade tanto na escrita como também na leitura. Em minha avaliação, observei alguns erros de ortografia, insignificantes a meu ver, pois o que mais importava, naquela atividade, era o que elas quiseram dizer por meio das imagens e, posteriormente, da escrita realizada. Esta “tarefa” acabou levando algumas aulas, pois as educandas, nem todas, quiseram acrescentar figuras em seu cartaz, outras quiseram refazer a escrita e depois passar a limpo, pois gostam das coisas muito bem feitas, procuram sempre fazer “mais bonito” para me entregar.

Procuro sempre buscar no cotidiano de cada educanda, individualmente, e ao mesmo tempo, coletivamente, respaldos para desenvolver um trabalho significativo e que dê um resultado mesmo que em longo prazo.

Do ponto de vista das alunas, disseram que gostaram deste projeto, o que pode ser confirmado, pois, ao iniciar-se o segundo semestre, ainda está vigorando. Do que pude perceber, elas se envolveram muito com o tema tratado, em decorrência, talvez de o terem escolhido e por ser parte da realidade que vivem, sabiam do que falavam e porque falavam e porque escreviam. As críticas formuladas a respeito da condição em que se encontra a Floresta Estadual de Rio Claro tinham fundamento e elas podiam e tinham o direito de criticar, pois este lugar para elas é um lugar importante que representa e constitui uma boa parte da vida delas, tanto no passado, como no presente e querem, almejam que tenha perspectivas de um futuro melhor, sem abandono e descaso.

A maioria das produções feitas pelas educandas tem a ver com suas vidas, de como Floresta Estadual de Rio Claro fez (e faz de certa forma) parte da história de cada uma, ou então de como a Natureza, como ambiente de vida, fez e ainda faz parte de suas vidas. Lembranças dos lugares que moravam antigamente, quando eram mais jovens, também apareceram nas produções escritas e também na de imagens, que antecede a escrita, no caso da última atividade realizada. E também não somente nesta última atividade estes aspectos apareceram, nas outras atividades também, pois a memória de cada uma floresce sempre que se mostra ou apresenta-se algo que é relevante, que submete à lembrança, a vivência, a experiência de cada educanda.

As atividades foram muito significativas tanto as aulas quanto as atividades provenientes destas, pois a cada produção textual, ou outro tipo de atividade realizada com as educandas percebi que há um interesse, talvez devido ao que remete a elas tal assunto. Ao longo deste Projeto foram perceptíveis as mudanças das alunas decorrentes não somente da escrita e/ou leitura, mas como conhecimento mesmo, pois é isto que elas procuram e tem como um dos objetivos, além de aprender o que não sabem ou reaprender, conhecer e saber cada dia mais sobre todo e qualquer assunto desde que faça algum sentido às educandas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Dentro da pesquisa pude observar que a história de vida é algo que a todo o momento está presente na vida das educandas, pois quaisquer que sejam os temas da aula, ou a tarefa passada, ocorrem lembranças, o resgate da memória. Em suma, são lembranças, independentes de interpretadas como boas ou ruins, em alguns momentos, fazem as educandas sentirem saudades e até se emocionar ao relembrar de certos momentos vividos que não voltarão. Assim me recordo de Bosi (2007) quando se refere às lembranças do passado do homem que já viveu sua vida e considera que “ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma de sua vida”. (BOSI, 2007, p.60)

É uma experiência que adquiri e com toda certeza jamais terei outra parecida, pois a experiência é algo que acontece imperceptivelmente, passa por entre nossas mãos às vezes, outras agarramos e aproveitamo-la de alguma forma. Este pensamento e o termo utilizado “experiência” caberia mais nas “teorias” de Jorge Larrosa e Paulo Freire, porém Bosi acaba enfatizando outro lado dessa “experiência” no qual ela utiliza o termo “lembrar” e fala sobre a função social do velho, como este é visto na sociedade, o que esta espera dele. E por isso acaba sendo estimado, pois por ser mais velho tem mais experiência e tem uma bagagem enorme na lembrança, sua memória está ativa; os mais jovens não veem necessidade de tal exercício.

As educandas do PEJA, em especial, além de serem alunas, são amigas, companheiras, mães, e até “professoras”, por que não?

Aprendi muito com elas, com seus desabafos, suas instruções, sim, porque às vezes me ensinavam até receitas, e quem ensina não é professor? Podem não ser formadas, doutoras, mas são professoras, e na escola da vida as educandas do PEJA foram muito mais do que alunas, foram pessoas que me deram forças, me incentivaram e ainda incentivam à continuar meu trabalho como educadora aprendiz. Muitas vezes cheguei a pensar em desistir, mas com o incentivo das educandas não tive coragem, ao contrário, me senti forte para continuar e tentar mudanças com relação a alguns paradigmas dos quais fui me aproximando e assumindo como

diretrizes, e buscar outras formas de pensar a própria educação como campo, a educação em perspectivas futuras, e o futuro para eu mesma, formada profissional, no campo da educação.

Essas trocas de experiências que ocorreram durante esses dois anos atuando no PEJA foram significativas demais para minha formação de educadora aprendiz, pois pude conhecer realidades diversas, ter contato com pessoas que jamais imaginei poder aprender algo. Sempre aprendemos com os mais velhos, todos dizem isso, porém trocar experiências como ocorre no PEJA é algo inenarrável e inigualável.

Participando do PEJA não somente aprendi a ver o mundo com outros olhos, no convívio com as educandas, e ao aprofundamento que busquei, mas também obtive contato com a Educação de Jovens e Adultos, e principalmente, aprender a valorizar o que geralmente é considerado sem serventia para as pessoas mais jovens, como as histórias, memórias da vida das pessoas mais velhas, que viveram mais. Trocas de experiências podem ocorrer com jovens, crianças, e as pessoas mais velhas como já citado anteriormente; porém não posso deixar aqui de explicitar que hoje em dia a experiência está cada vez mais rara, como Bondía (2002) nos apresenta, colocando que hoje vivemos numa “sociedade de informação”, o que acaba deixando para trás a experiência, e por vezes sendo confundidas, a experiência e a informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELL, R. "A critical review of the development of the personal document method in sociology 1920-1940". In: GOTTSCHALK, L; KLUCKHOLN, C & ANGELL, R. (eds.), *The use of personal documents in history, anthropology and sociology*. New York: Social Science Research Council, 1945, p.178, In: BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradutores: Maria João Alvarez [et.al.]. Porto: Porto Editora, 1994, p.177.

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. *Usos e abusos da história oral*. Autores: Alessandro Portelli ...[et al.] . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ANDRADE, C.D. *Nova Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985, p. 78.

BANDEIRA, M. *Bandeira a Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Editora Alumbramento, 1986, p. 90.

BÉDARIDA, F. Tempo presente e presença da história. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. *Usos e abusos da história oral*. Autores: Alessandro Portelli ...[et al.] . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderlei Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, jan-abr, n.19, 2002.

BOGDAN, R.C.;BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradutores: Maria João Alvarez [et.al.]. Porto: Porto Editora, 1994. Cap.I, II e IV, p. 47-62 e p. 169-180.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 14ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.60-63.

CALVINO, I. A palavra escrita e a não escrita. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. *Usos e abusos da história oral*. Autores: Alessandro Portelli ...[et al.] . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

CAMARGO, M. R.R. M. de. A invenção no cotidiano e na língua: leituras de professora. *Revista Leitura: Teoria & Prática/ Associação de Leitura do Brasil*. Campinas, SP. v.20, n.39, out. 2002.

CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. *Usos e abusos da história oral*. Autores: Alessandro Portelli ...[et al.] . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FONTANA, R. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Editora Atual, 1997. Cap. 4, p. 48-54.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 50ª ed. – São Paulo: Editora Cortez, 2009.

GALVÃO, I. *Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil*. 2ª ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

HATOUM, M. *Prece de um Amazonense em São Paulo*. São Paulo: Terra magazine online, 2007. Apresentado por Bob Fernandes. Disponível em: < <http://terramagazine.terra.com.br>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

HSERPA. *Contrastes na Vida*. Apresenta vários poemas. Disponível em: <<http://www.hserpa.prosaeverso.net/visualizar.php?id=1317782>>. Acesso em: 14 mai. 2010.

JOAQUIM, F.F. *Um encontro, um percurso, uma estória*: uma narrativa que se constrói e convida à uma reflexão sobre EJA e educação ambiental. 2009. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

LARROSA, J. Sobre a lição. In: *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. P.A.: Contrabando, 1998.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.C.A de *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. Cap. 3, p. 25-44.

MEIHY, J. C.S.B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

MOYSÉS, S.A. A linguagem no currículo por atividade do 1º GRAU. *Anais do I Seminário de Estudos sobre o Currículo por Atividades*. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 1987.

SCHNEUWLY B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. Cap.3, p.71-91.

SCHNEUWLY, B. *Gêneros e Tipos de Discurso: Considerações Psicológicas e Ontogenéticas*. In: SCHNEUWLY B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. Cap. 1, p. 21-39.

SILVA, L. L. M. *O ensino de língua portuguesa: no primeiro grau*. São Paulo: Atual, 1986.

THELEN, D. *Introduction: memory and American history* *apud* THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. *Usos e abusos da história oral*. Autores: Alessandro Portelli ...[et al.] . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. Cap.6, p.85.

THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. *Usos e abusos da história oral*. Autores: Alessandro Portelli ...[et al.] . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. Cap. 6, p.65-91

Orientadora: Maria Rosa Rodrigues de Camargo

Orientanda: Priscila Regina Lourenço